

O Castello Isabel na Ilha de Jersey

O génio, atravessando o mundo, vae deixando nelle um rasto luminoso. A poesia, como a gotta de leite de Juno, matiza de estrellas a sua via triumphal. Um traço esplendido liga o berço e o tumulo dum grande homem. Cidades, aldeias, eremiterios por onde essa linha passa, saem da obscuridade em que jaziam, e os seus nomes, nunca até ahí pronunciados, começam a decoral-os as gerações entusiásticas. O rochedo nú e esteril, onde uma vez pousou a aguia olympica, para sempre conserva o vestigio da garra sublime. Imprecações ou louvores tornam igualmente immortal um nome até ahí condemnado a extinguir-se nas trévas. O peregrino devoto visita com igual respeito Nazareth e o Calvario. Os romeiros da poesia batem á porta da casa de Genebra, onde nasceu Rousseau, e entram silenciosos no asylo de Ermenonville. Os nossos netos, depois de lerem com entusiasmo os poemas de Hugo, irão em romaria piedosa, procurar Besançon, *vieille ville espagnole*, onde o grande poeta nasceu, e Jersey e Guernesey, esses ninhos de rochas, onde foi scismar, ao som do ruido das vagas, a aguia sublime exilada do céu parisiense.

Quem fallava até hoje nas ilhas de Jersey e de Guernesey, essas florinhas normandas desprendidas pelo Oceano do cinto da Franca? Jaziam na

obscuridade dos dictionarios geographicos, e ninguem pensava em lhes investigar os archivos, em lhes consultar as tradições. Mas apenas o exul de 2 de dezembro pousou o pé nas suas praias hospitaleiras, despertou a curiosidade do mundo, e todos quizeram saber qual era o passado desse novo Tomes, onde um mais sublime Ovidio ia murmurar aos ouvidos talvez de Getas que o não comprehendessem, os seus canticos de ineffavel poesia.

Francisco Victor Hugo, um dos filhos do grande escriptor, satisfez a curiosidade universal, escrevendo um formoso livro, onde as investigações do erudito são amenizadas pelos devaneios do poeta. Esse livro intitula-se *La Normandie inconnue*.

O titulo primeiro surprehendeu muita gente. Qual era essa Normandia ignota que o exilado se gabava de descobrir? Seria por acaso alguma colonia fundada pelos aventureiros Normandos nas praias da Africa Occidental? Teria encontrado Francisco Victor Hugo os documentos que a vaidade franceza debalde procurou para demonstrar as suas pretensões á prioridade dos descobrimentos na Africa? Não, o escriptor francez desencantára essa ignota Normandia, a dois passos da Normandia conhecida e explorada por todos. Esse appenso normando que os seus antigos compatriotas quasi rene-

gavam, era nem mais nem menos do que essas duas ilhas inglezas que abriam aos proscriptos os seus lares hospitaleiros.

Jersey foi em tempos remotos uma das estações de Cesar. Foi ali que o grande homem, ansioso do desconhecido, assentou os arraiaes das suas legiões antes de as arrojarem sobre as praias brumosas da Bretanha. Ainda hoje na parochia de S. Martinho se divisam os restos d'umas muralhas que serviam de recinto ao forte romano. Tomou a ilha o grande nome de Cesar, e foi corrompendo a sua antiga denominação de *Cesarea* que os normandos a appellidaram Jersey.

Quando os normandos, commandados pelo seu chefe Rollon, vieram pedir á França terras onde assentassem os seus lares errantes, foi a ilha de Jersey comprehendida na doação feita por Carlos o Simples, e repartida como a Neustria continental pelos seguidores do pirata, transformados em condes e marquezes. Então a ilha seguiu a sorte da sua companheira, e tomou uma parte activa no estabelecimento do feudalismo. Essa terra hoje quasi olvidada pela França, foi o berço das suas liberdades, foi o berço da sua poesia. Ali nasceu o terceiro Estado, ali nasceu a poesia dos *trouvères*, e a lingua d'Oil. Com effeito Roberto Vace, o primeiro *trouvère* francez, nasceu em Jersey, como se vê nos seguintes versos, em que alvorece a poesia moderna:

Je di e dirai ke je sui  
Vaice de l'isle de Gersui  
Ki est en mer vers l'Occident  
Al lieu de Normandie appent.  
En l'isle de Gersui fui nez  
A Caen fui petit portez  
Hloques fui e lettres mis  
Puis fui longues en France apris.

O que, no seu francez alatinado e barbaro, quer dizer que Roberto Vace nasceu na ilha de Jersey, foi levado em pequeno para Caen da Normandia e ali educado e instruido.

Quando Guilherme, duque de Normandia, foi conquistar a Inglaterra, tambem de Jersey partiram muitos barcos da sua expedição. Até o seculo XIII, Jersey fez parte do ducado pelo qual os reis de Inglaterra eram considerados vassallos dos reis de França. Mas nesse tempo, tendo o rei João *Sem-Terra*, para subir ao throno, assassinado seu sobrinho Arthur, foi declarado pelo tribunal dos pares de França, desleal e indigno, e como tal despojado do seu feudo. A sentença do suzerano foi executada no continente, e as cidades normandas abriram as portas aos francezes. Não succedeu o mesmo nas ilhas que se conservaram fieis ao seu directo senhor, e desde então Jersey e Guernesey, ainda que francezas no fundo, tanto que é o francez antiquado a lingua que lá se falla, passaram a fazer parte dos dominios da Inglaterra.

Foi Jersey tratada primeiro com mimo como joia querida recentemente ligada á corôa ingleza, mas ainda mal adherente, e teve por governado-

res filhos ou irmãos de reis, o principe Eduardo, que foi depois Eduardo I, o duque d'York, neto de Eduardo III, que foi depois morto na batalha d'Azincourt; o duque de Bedford, irmão de Henrique V, que foi regente da França conquistada, e que mandou queimar Joanna d'Arc; finalmente o duque de Gloucester, outro irmão de Henrique V. Mas quando se julgou que estava bastante consistente a união, os reis de Inglaterra abandonaram-na aos favoritos para que a devorassem á vontade. Assim teve por governadores o duque de Somerset, irmão de Joanna Seymour, uma das esposas de Henrique VIII; Anthony Ughtred, primo d'Anna Bolena; o cavalleiro Amyas Pawlet, um dos carcereiros de Maria Stuart, e sir Walter Raleigh, o elegante cortezão que Isabel distinguio.

O castello Isabel chamou-se outr'ora castello de Montorgueil. Prisão de Estado por muito tempo, teve a honra de abrigar e de proteger com os seus canhões o proscripto Carlos Stuart. O Oceano quebra-lhe junto da base e cospe muitas vezes espuma das vagas nas suas velhas muralhas, e nas suas altas chaminés á Luiz XIII. Hoje é mais monumento do que forte. O seu canhão inoffensivo saúda apenas todas as manhãs o romper do sol. Saint-Helier, a moderna capital da ilha, fica-lhe ao longe protegida pelo forte Regente. E o castello Isabel, isolado no cume do seu monte, vê melancolico passar no Oceano as plumas de fumo dos barcos de vapor; elle que assistio outr'ora á partida dos aventureiros navios, que sir Walter Raleigh enviou á Terra Nova, ensinando assim, aos pobres pescadores da ilha normanda, o caminho da prosperidade.

M. PINHEIRO CHAGAS.

## EUGENIO PELLETAN

(Continuado de pag. 59)

### VI

Bosquejado, pois, em largos traços e como permittia a estreiteza do espaço, o grande quadro da philosophia, restrinjamos o assumpto, e digamos, em duas palavras, a philosophia de Pelletan.

Esqueçamos os que o precederam, Lamennais, Proudhon, Pierre Leroux, Jean Reynaud, Auguste Comte, Littré, e Jules Simon.

Pelletan seguiu o pantheismo de Hegel; mas não podendo chegar á montanha, debalde a chamou, e por isso agarrou-se ao celebrado *meio termo*, ao *ser e não ser simultaneo*.

Combinando os seus esforços com os de Dalfus, gerou o *humanismo*, systema hybridado que arrasta ao absurdo.

Qual a sua doutrina? O progresso, sempre o progresso, o progresso *quand même*, o progresso acima de tudo, apesar tudo, exclusivo, necessario, universal, continuo, infinito.

Religião, philosophia, metaphisica, theodicêa, tudo se consubstancia em uma palavra — o progresso — em uma idéa — o progresso — em um mote — o progresso. A sua these é o progresso; o progresso a sua exegese.

O mundo caminha, e tudo fica dito, e resolvido fica o eterno problema da humanidade.

Para onde caminha? Donde caminha? Por onde caminha? Analysemos.

Pelletan, obedecendo ao lemma inintelligível de Hegel, que define a lei como a *formula do infinito no finito*, ou a logica no universo; competendo-se da doutrina hegeliana, apregoada por Feuerbach e Arnold Ruge; estudando muito pela rama a morphologia, sciencia recente, e falha de principios fixos; imagina, sem se importar muito com o rigor scientifico, o homem collocado no berço, nú, desherdado, anjo caído, filho do trabalho.

Todos conhecem a *profession de foi du dix-neuvième siècle* e o livro intitulado *Le monde marche*. Todos leram e releram essas paginas admiraveis, cheias de imagens e hyperboles atrevidas, e por isso desnecessario é lembrar o que ninguem ignora.

Mas, se tratarmos de analysar miudamente todas aquellas paginas brilhantes de estylo e de forma, se proferirmos o fatal *quid indè*; o lyrismo desenfreado e as metaphoras de Pelletan caem de repente, e vemos um esqueleto medonho, uma caveira descarnada.

Pelletan, consoante com a doutrina que intenta evangelisar, diz: «o *progresso* é o movimento universal dos seres, que incessantemente emanados de Deus, gravitam nelle, sem jámais o attingirem; um perpetuo anseio para o espaço e para a duração; a cadeia viva do finito com o infinito por um terceiro termo, o indefinido, que participa a um tempo destas duas ordens de ideas.»

É esta a profissão de fé de Eugénio Pelletan. Nisto se resume toda a sua philosophia, que consiste em um poder creador inherente á natureza, o qual leva a materia, seguindo um progresso continuo, e uma successão ininterrupta de fórmas, da inercia á vegetação, da vegetação ao movimento, da sensação ao instincto, do instincto á razão, derradeira meta, limite aonde estanca a humanidade.

O homem tende, pois, a progredir. O progresso é a lei fatal da humanidade. Porque? Só de um modo se pôde responder, e esse foi o que empregou Pelletan.

Examinemos a gradação dos seres, sigamos o homem desde o berço. Ora é aqui que bate o ponto e começa o absurdo.

A gradação dos seres não derrama luz sobre o problema, porque a sciencia ainda ignora e ignorará talvez perpetuamente, não já como elles se formáram, senão tambem como elles se ligam.

Haverá transformações successivas de especies para especies? A rocha pôde gerar o vegetal? O vegetal o animal infimo? Este o immediatamente superior? Haverá geração espontanea? As especies são eternas e eternamente typicas? Será o homem um macaco transformado? Quem poderá responder a estas perguntas? Só Deus.

O raciocinio de Pelletan pecca portanto pela base. Essa concatenação dos seres, esse genesis conjugado, ninguem o pôde affirmar, todos o podem negar, porque nenhum facto o comprova.

A sciencia emmudece completamente.

Dando, porém, como certo que houve essas transformações, a inducção, sem deixar de ser rigorosamente verdadeira, pôde ser levada aos ultimos limites. A serie de transformações succede-se perpetuamente, e não ha razão para que o homem seja o derradeiro ser. O homem será substituido por outro ente mais perfeito, este por outro, e assim successivamente, *usque ad Deum*, e ahí temos outra vez a vida consubstanciada em Deus, isto é, o *finis mundi*, a aniquilação da materia pela propria materia.

A vida houvera sido um circulo vicioso; saída informe e imperfeita dos seios de Deus, ir-se-hia aperfeicoando até se tornar Deus!

O absurdo é flagrante.

Mas o philosopho não é homem que se ampare num só encosto. Como o coxo do evangelho tem dois bons apoios. Se lhe falta um, resta-lhe outro.

A concatenação dos seres succede a concatenação dos homens, e eis-o a divagar pela historia, assim como divagara pela ontonomia, para nos demonstrar o aperfeicoamento do homem.

Pelletan passa do selvagem anthropophago para o selvagem de costumes mais doces e compostos; chega logo ao nomada, depois ao caçador, ao pastor, ao lavrador, ao artifice etc. etc. e prova assim o seu theorema.

Ora a sciencia, que é quasi sempre desmancha-prazeres, demonstra: 1.º que a época do apparecimento do homem é ainda litigiosa; 2.º que a craneometria não indica differença, por minima que seja, entre os homens das epochas mais remotas e os da época em que vivemos; 3.º que sempre houve genios, talentos e intelligencias vulgares; 4.º que nos nossos dias ainda ha homens em todos os estados, que Pelletan imaginou successivos; 5.º o homem aperfeicoa-se, não no sentido de augmentar o numero das suas faculdades, senão na acceção de as melhorar.

Qualquer que seja, pois, o modo porque se considere o principio fundamental do *humanismo*, sempre se encóntra o absurdo.

O eterno *gradus ad paradisiu*m, o *processus dogmatico* de philosophia hegeliana, é illógico.

Não se julgue, todavia, que o pantheismo de Pelletan se confunde com o de Hegel. Aquelle é menos logico, porque pretende engeitar as derradeiras conclusões dos principios estabelecidos.

Fallar de um Deus pessoal, distincto, separado do mundo, dizer que Deus é a vida universal, e logo adiante definil-o como *œu vivo*, que projecta eternamente as creaturas, assim como a alma humana emite incessantemente os pensamentos, sem esgotar a propria substancia é casar ideas contrarias e antinomicas, contra as quaes a sciencia se rebella, porque a projecção das creaturas é metaphora inacecitavel.

Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A razão é a primeira auctoridade; e a auctoridade é a ultima razão.

DE BARRALD.

## OBRAS DE CATALDO AQUILA SICULO.

(Continuado de pag. 55)

«Mas voltemos ao motivo pelo qual se escreveu esta carta.

«Se eu visse, que tão excellentes pessoas (toma bem sentido no que vou dizer-te) quaes são os pontifices, imperadores, reis, duques e condes eram judeus, e não christãos; ou que os villissimos judeus ao menos faziam um pequenino milagre daquelles prodigalisados por meio de tantos pobres apóstolos, eu renegaria aquella crença, que hoje tenho inabalavel, e me faria um immundo circumcidado. Mas como vejo perfeitamente o contrario, sou mais duro que o diamante, e até mesmo nem o sangue de bode me amollecera. Faze-me a mercê de me provares que haja alguma cousa na lei christã, da qual se deva fugir.

«Ora, pois, o premio do paraizo apesar de haver de ser muito grande, não o teriam as boas accões: e as mas, apesar de serem dignissimas delle, não teriam o do inferno? Na necessaria lei de viver, que cousa melhor e mais conveniente se pôde descobrir para a conservação do corpo e da honestidade da vida? Converte-te depressa para o caminho da verdade, e não queiras esperar o peor. Deus, de todos os bens, é o bem mais perfeito, e tem os braços e o peito muito abertos para os peccadores, e não para os justos. O Espirito Santo te illumine.»

Nesta collecção das obras de Cataldo vem em primeiro lugar um poema em 4 cantos sobre o fallecimento do principe D. Affonso, dedicado a el-rei D. Manuel, e que principia por estas palavras:

Mesta viris, joanda deo, superumque catervis  
Cum gemitu, flctuque cano.

Segue-se outro a que o auctor deu o titulo de Arzitinge, offerecido a D. João, que depois foi rei, em que canta a tomada de Arzilla e Tangere por D. Affonso V.

Vem depois o «*Liber de perfecto homine*» obra composta por ordem de D. João. No prologo, ou antes dedicatoria, queixa-se Cataldo das difficuldades que teve para escrevel-a, porque necessitando de consultar para a composição della varias obras, o não pôde fazer, porque eram então os livros mui raros em Portugal, e esses poucos, que tinha, eram vindos de Italia, sendo todos obras de Direito.

Seguem-se varias obras poeticas (1), até que se encontra a oração recitada por Cataldo, na cidade de Evora, pela occasião de chegar ali a princeza D. Isabel. Nesta composição engrandece elle os portuguezes o mais possível, dizendo em nosso louvor aquillo que estrangeiro algum inda chegou a dizer.

Acha-se depois desta oração uma grande correspondencia entre varias pessoas distinctas tanto nacionaes como estrangeiras.

(1) A edição publicada na Historia Genealogica traz somente as composições poeticas.

Nas obras deste escriptor já se encontram duas vezes palavras escriptas com caracteres gregos: talvez seja o livro mais antigo impresso em Portugal, onde se encontrem palavras escriptas com taes caracteres.

Era Cataldo um homem que estava muito relacionado com os fidalgos e familia real; e até pelos sabios estrangeiros era respeitado, e muitas vezes consultado a respeito de varios objectos, principalmente no que dizia respeito á pureza e propriedade do emprego das palavras latinas, do que temos um exemplo na carta, que lhe escreve o sabio siciliano Marco Ennensi, e que vem na collecção das suas obras.

Antonio Ribeiro dos Santos diz que em 1509 se fez uma segunda edição das obras de Cataldo, corrigidas por Antonio de Castro: ou esta nova edição se tornou tambem tão rara, que ainda não encontrei della um unico exemplar, ou a confundi com a que vem na Historia Genealogica.

Cataldo (como já notou o sr. A. Herculano) (2) sempre que designa em latim as palavras Portugal e Portuguez serve-se dos termos Lusitania, Lusitani.

Para mais uma vez se ver como os estrangeiros, especialmente os francezes, são exactos falando das cousas portuguezas basta dizer, que tendo consultado uns poucos de dictionarios biographicos para me informar do que dizem a respeito de Aquila (é assim que Cataldo é conhecido entre os estrangeiros) copiando-se todos uns aos outros, apenas diziam que Aquila era natural da Sicilia, e que tinha vindo estabelecer-se em Portugal em 1509, onde compozera varias obras em latim. E nada mais! Que elle já se achava cá em 1496 ou 97, sabe-se pela carta que escreveu ao rabino napolitano, da qual fiz a traducção.

M. B. BRANCO.

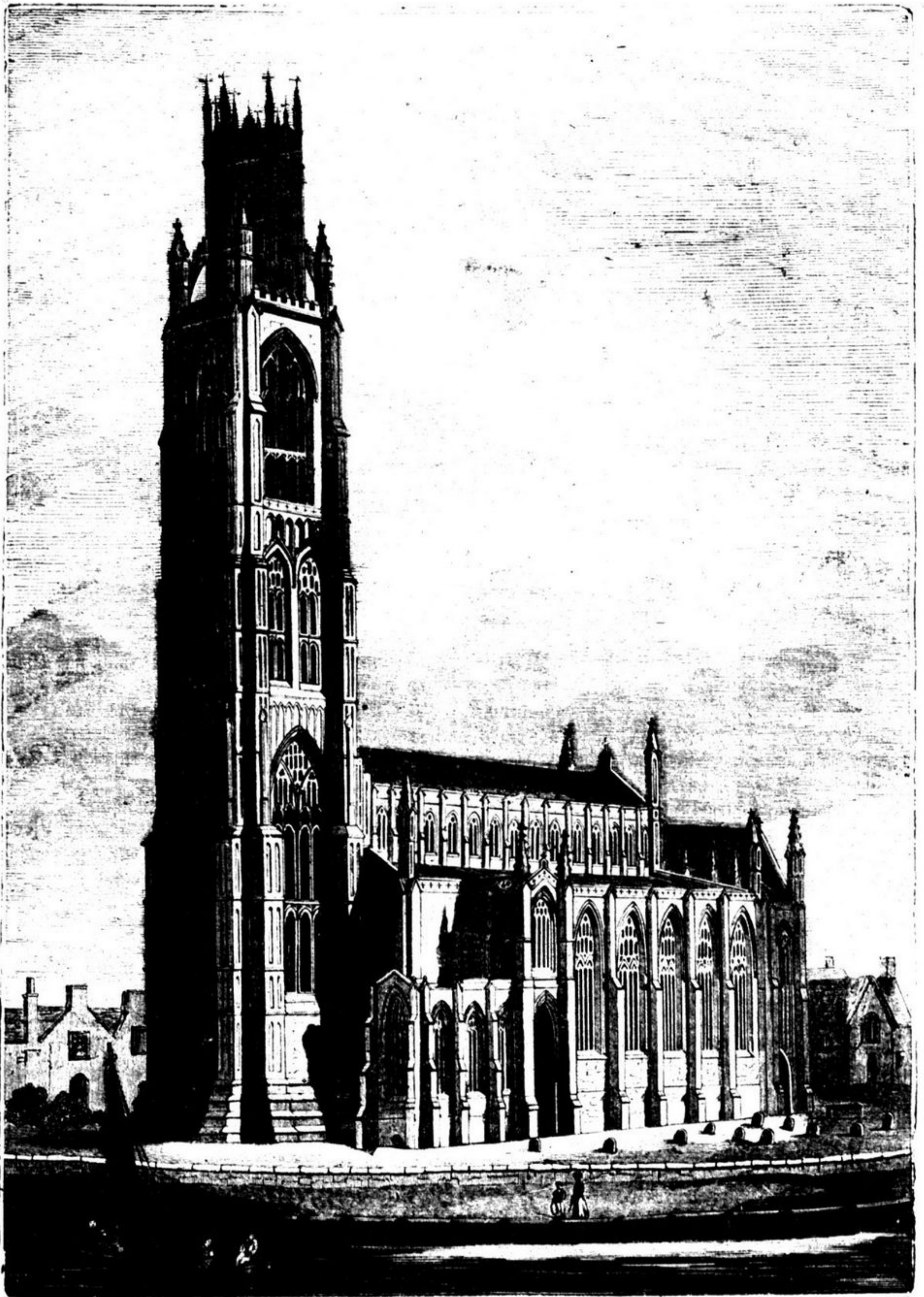
## IGREJA DE S. BOTOLPH EM BOSTON

A quarenta e quatro kilometros S. E. de Lincoln e a cento e cincoenta, approximadamente, de Londres, perto da embocadura do Witham, ergue-se a magnifica cidade de Boston, hoje um dos pontos importantes da Grã-Bretanha pela sua posição geographica e excellente porto que apresenta. O seu commercio, tambem devido a esta circumstancia, é consideravel, e a industria manufactora, que, ainda não ha muitos annos, era insignificante, na actualidade caminha já robusta por essa estrada que levou á Inglaterra a grandeza e opulencia em que a vemos. Exporta, em grande escala, alcatrão, canamo e madeiras de construcção. O numero dos seus habitantes eleva-se a dezoito mil.

Boston contem alguns edificios, taes como estabelecimentos de instrucção, de beneficencia, etc; mas o principal, e que passa, no seu genero, por uma das melhores obras da Inglaterra, é a igreja de S. Botolph, que se vê representada na nossa

(2) Introducção á Historia de Portugal, pag. 9.

gravura, e cuja torre, medindo noventa e cinco metros de altura, serve de pharol às embarcações que demandam o porto. A construção deste templo teve lugar no decimo quinto seculo, cento e tantos annos depois da reforma, por cuja occasião se accrescentou ao plano a soberba torre de que fallamos.



Igreja de S. Botolph em Boston

## A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

## II

(Vid. pag. 64)

Effectivamente nessa mesma noite saíam do acampamento hespanhol tres columnas, em cuja vanguarda marchavam o segundo regimento do Porto, o primeiro de Olivença, e algumas forças dos regimentos de Cascaes e Freire de Andrade. Externuados, tremendo de frio, desejosos de repouso, os soldados portuguezes entraram em linha sem um murmúrio. A inundação das planicies e as torrentes transbordadas impediram que a expedição se realizasse. Regressaram as tropas de madrugada, mas, ainda mal tinham cerrado os olhos os soldados rendidos de fadiga quando as cornetas, tocando por toda a parte a assemblea, os despertaram em sobresalto. As sete horas da manhã rompia o fogo em toda a linha, atacada com impetuosidade pelo inimigo. Corre o acampamento ás armas; os hespanhoes surpreendidos pelo inesperado e vigoroso ataque, os portuguezes além de surpreendidos semi-mortos de canção, como quem havia dois dias só marchava e pelejava, depois de breve combate abandonam uma grande parte das posições. Pareciam os francezes querer fulminar de vez no primeiro encontro os soldados dessa vetusta realza occidental, que ousava ir profanar o territorio da sua juvenil republica. Dagobert, o velho guerreiro cuja senectude se retemperara no fogo da liberdade, queria mostrar ao seu collega em annos adiantados, o venerando Forbes, como sabe domar as fraquezas do ultimo quartel da vida a energia dos defensores duma causa santa. Não precisava da lição o commandante da divisão portugueza, e nesse mesmo dia lhe demonstrou que os brios militares, e o sentimento do dever bastam para dar á velhice o ardor da mocidade. Com effeito, recobrado da surpresa, o conde da União fórma as tropas alliadas em columnas de ataque, e lança-as contra os reductos republicanos. Estavam excitadas igualmente as paixões de tres povos rivaes; combatiam os portuguezes ao lado e á vista dos seus velhos inimigos, queriam os francezes mostrar aos seus novos adversarios o quanto valiam as suas heroicas recrutas. Foi longa e mortifera a peleja; mas depois de seis horas de combate violentissimo as tropas republicanas desampararam as baterias, e o regimento de Peniche, chegando a marchas forçadas animado pelo desejo de tomar parte na batalha, escutava ao entrar em linha os ultimos ecos dos tiros, e via, atravez da cortina densa de fumo que se ia lentamente rareando, os seus companheiros de armas tomando, depois de dois dias de fadigas, o primeiro descanso nas plataformas dos canhões inimigos conquistados.

Livre do receio de perder as suas communicções, Ricardo ordenou ao general Courten que marchasse sobre Villelongue. Para cobrir o movimento teve ordem o general barão de Kesel de chamar para outro ponto a attenção do inimigo.

Essa diversão operou-a, elle á testa de seis mil homens, em cujo numero entravam dois regimentos portuguezes. Tres regimentos da divisão figuraram ás ordens do general Courten no ataque e tomada de Villelongue, de La Roca, e de Saint-Genis. Pouco depois caíam em poder dos hespanhoes Banyuls e Argéles. O exercito republicano retirava sem cessar.

Para coroar dignamente a campanha restava conquistar as posições importantes de Port-Vendres, Saint-Elne, e Collioure. Foi encarregado da expedição o general D. Gregorio de la Cuesta. Um regimento portuguez fazia parte do corpo d'assedio. Era o regimento de Olivença.

Como o nosso principal heroe faz parte deste regimento, seguiremos as operações do exercito sitiante de preferencia ás do resto da divisão portugueza, cujo quartel general se estabelecera em Ceret.

Formam Port-Vendres, Saint-Elne, e Collioure uma linha não interrompida de fortificações no littoral. Aproveitando a desordem e desanimação dos republicanos, D. Gregorio de la Cuesta investe-os com energia. No dia 20 de dezembro Port-Vendres é tomada de assalto, retiram os francezes para Saint-Elne, seguem-nos as tropas alliadas. A chuva caindo em torrentes não lhes affrouxa a revolução; não hesitam sequer diante das baterias de Saint-Elne, quebram as correntes da ponte levadiça deste forte, expulsam os francezes, viram contra Collioure os canhões do forte conquistado, e o general Solano intima o governador deste ultimo refugio dos republicanos para lhe entregar a praça. Hesita o governador na resposta, mas uma agitação immensa reina na cidade. A divisão Delattre, que nesse dia soffrera duas derrotas consecutivas em Port-Vendres e em Saint-Elne estava inteiramente desorganizada, os jacobinos fugiam ou escondiam-se, o povo irritado pelo despotismo dos clubs que tinham organizado o terror ali como em toda a parte, reagia violentamente, assassinava os *sans culottes*, e ameaçava o governador de abrir as portas aos hespanhoes, se elle não capitulasse immediatamente.

Sobreviera a noite, noite escura e tormentosa. O mar bramia furioso no seio das trevas, e quebrava nos rochedos com furia. Por entre o negrume via-se alvejar a crista das vagas empinadas, que balouçavam os navios fundeados no porto. A chuva caía em torrentes. Os relampagos de quando em quando sulcavam as sombras com o seu fulgor livido, e entre-mostravam o Mediterraneo espumante, a cidade aterrada, e as longas fileiras dos regimentos hespanhoes estreitando Collioure num cinto de baionetas. A artilheria emudecera. Mas o estrondo do trovão, o rugido das vagas, e o bramir selvagem da plebe amotinada enchiam de lugubres pavores o silencio triste dessa noite invernal.

Subito um clarão immenso espanca as trevas e illumina esse quadro terrivel. Surge do seio da escuridão o castello de Saint-Elne erriçado de canhões, a cidadinha de Collioure espraçando-se á

beira do Mediterraneo com os seus caes onde negrejava a multidão alvoroçada, com a sua cortina de fortes, onde alguns artilheiros republicanos tristes e desanimados velam junto dos canhões adormecidos. O mar apresenta-se no seu horrído aspecto, furioso, verde-negro, e espumeo. Scintillam milhares de bayonetas a essa luz immensa e vacillante, mas as trevas repellidas formam em torno deste circulo de esplendor uma muralha de ébano.

E esse clarão caminha, caminha, açoutado pelo vento e pela chuva, espargindo em torno de si feixes de scintelhas que vão pairar, aleyons de fogo, sobre a espuma das vagas. Um grito immenso de horror são da cidade sitiada. E a luz avança immensa e oscillante, projectando no chão alagado, as sombras collossaes dos regimentos, e illuminando plenamente as muralhas de Collioure.

Tres batalhões, descendo do forte de Saint-Elne, ameaçavam com os horrores do incendio a cidade cercada. Cada soldado levava um facho, e essas tres espiraes de chammas que incendiam as bayonetas, e davam a esse quadro pavoroso um sinistro relevo.

Tinha um não sei que de theatral este systema de ataque, mas produziu o effeito desejado. Atterrados por essa manifestação os republicanos abriram as portas da cidade, e constituiram-se prisioneiros. Quando rompeu a alvorada do dia 21 de dezembro, a tibia luz dessa manhã de inverno illuminou os leões de Castella, tremulando ao vento nos fortes de Collioure.

Dahi a oito dias numa das salas dos aposentos do principe real do palacio incompleto da Ajuda, um moço de vinte e seis annos, de physionomia mais bondosa que intelligente, e mesmo assim mais intelligente do que energica, com o labio inferior caído quasi até a barba dava affectuosamente a mão a beijar a um sujeito grave que vestia rigorosamente a côrte.

— Então boas novas temos do nosso exercito do Roussilhão, dizia o mais novo destes personagens. Diga-mas depressa, senhor Sousa Coutinho, que desejo ir já communicar-as a minha augusta mãe. Não poupemos as alegrias áquelle pobre espirito que vae cada vez mais immergindo-se nas trevas.

— Boas novas lhe levará Vossa Alteza, respondeu o ministro da guerra, Luiz Pinto de Sousa Coutinho. A bandeira dos republicanos foi derubada em Villelongue, em Argeles, em Port-Vendres, em Saint-Elne, em Collioure. A 21 de dezembro os francezes retiravam em desordem para a retaguarda de Tet. As tropas alliadas entravam em quarteis de inverno. A campanha de 1794 abrir-se-ha provavelmente com a tomada de Perpignan.

— E cerrar-se-ha com a tomada de Paris, concluiu o principe esfregando as mãos, e passeando no aposento.

Sousa Coutinho conservou-se em respeitoso silencio:

— Ah! bom Ricardos! bom Ricardos, continuava o principe sem reparar na muda reprovação do seu ministro, se fossem como elle todos os generaes da colligação mais cedo se teria vingado a morte do santo martyr Luiz XVI. Mas desta vez levaram os jacobinos uma boa lição, e essa ephemera republica, vergonha da Europa, não tardará a desaparecer do mundo, desaffrontando os thronos que insulta.

Nisto bateram discretamente á porta do aposento, e um reposteiro entrou com uns despachos que entregou ao principe real.

Este abriu-os, e, assim que os percorreu com os olhos, espalhou-se-lhe uma nuvem no semblante.

O duque de Lafões olhou para elle inquieto.

— Sempre vem alguma sombra turvar um horizonte sereno. Toulon caio no poder dos republicanos.

— Toulon no poder dos republicanos! exclamou o duque espantadissimo.

— A 19 de dezembro, exactamente quando os nossos bravos soldados derrotavam por toda a parte os francezes. A praça resistia e negaceava os sitiadores, quando um tenente ou um capitão de artilheria, ou sei que, descobriu o ponto vulneravel da praça, estabeleceu bateria, dirigio as columnas do ataque... enfim tomou Toulon... Um capitão de artilheria, veja, duque, se estes republicanos não revolucionam tudo, até a arte militar, um capitão de artilheria tomar uma praça defendida por generaes. O que diria o sr. principe de Lippe se ainda vivesse!

— E, se vossa alteza me consente esta indiscripção, tornou o duque sorrindo-se, pode-se saber como se chama esse novo Ulysses desta nova Troia?

— Não sei, disse o principe real com indifferença, e percorrendo de novo os despachos, um nome completamente desconhecido, um Corso, creio eu. Chama-se... chama-se... ah! Napoleão Buonaparte. Conhece?

— Não, meu senhor, respondeu o duque rindo, não tenho a minima idéa de tal nome. Só confesso que é exquisito. Nunca vi no calendario o nome de S. Napoleão.

— Nem eu. O que é certo é que me transtornou o dia, que eu esparava passar tão agradavelmente. Vou beijar a mão á rainha.

Foi esse o primeiro desgosto que Napoleão Buonaparte causou ao principe D. João, depois rei D. João VI. Como sabem o Corso não parou em tão bom caminho.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

## O ECLIPSE DO SOL EM 6 DE MARÇO DE 1867

Que no dia 6 de março hade ter lugar um eclipse visivel do sol, é um facto que o leitor, certo, não ignora. Mas o que, talvez, ainda se não deu ao trabalho de inquerir é as phases que elle hade apresentar; e é isso que eu passo a descrever-lhe.

A lua, um pouco mais afastada da terra que em

outra epoca, parecer-nos-ha mais pequena que o sol e não nol-o poderá esconder inteiramente. No momento da maior phase do eclipse, e para os paizes convenientemente situados, a lua, negra, no centro do sol, deixará avistar á roda de si um anel de fogo.

O eclipse começará e o primeiro contacto terá lugar ás 7 horas e 26 minutos da manhã, em Africa, Senegambia, proximo da embocadura do Rio Grande, e acabará ao meio dia, 23 minutos e 8 segundos, na Asia, ao norte do paiz dos Kalmuckos.

Será visível entre os seguintes limites: embocadura do Rio Grande, a E das duas Americas, desde o equador até a ponta E. da ilha da Terra Nova; S. e E. da Groenlandia, confins do Polo do norte, acima de Spitzberg e da Nova-Zembla, norte dos Samoyedos, fronteira E. do governo de Tomsk na Siberia, no lago Baykal, centro da Mongolia, N. e O. da China, confins E. e S. E. do Thibet, S. do Thibet, S. de Beluchistan, S. de Beluchistan, sul da Arabia, Gondar, na Abyssinia, norte do grande Deserto central da Africa, S. da Guiné boreal e ao longo do equador até o Brazil.

Assim, a Irlanda, a Groenlandia, toda a Europa, E. da Asia, a metade do norte da Africa verão o eclipse.

Será central e terá a fórma que indicamos, nos seguintes paizes: a O. e ao largo das ilhas da Madeira, S. das mesmas ilhas, um pouco ao norte de Mogador (Marrocos) Oran, Bone, Sicilia, Calabria, Otrante, Montenegro, Roman na Moldavia, Kourks na Russia, montes Uraes, embocadura do Obi, E. dos Samoyedos.

Em Lisboa mais de três quartos do diametro solar estarão occultos ás 8 horas, 21' e 48" da manhã; principia ás 7 horas, 13' e 12" e acaba ás 9 horas, 30' e 36".

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**A Garantia dos Funcionarios Administrativos.** Por A. M. do Couto Monteiro, ajudante do procurador geral da Coroa junto do Ministerio do reino. Lisboa. Typ Franco-Portugueza. 1866.

Quereis inteirar-vos cabalmente da substancia deste notavel escripto? Lede as seguintes conclusões, a que chega o auctor:

1.<sup>o</sup> O privilegio do artigo 357.<sup>o</sup> do Código administrativo *illegalmente* importado do paiz em que fora estabelecido por causas especiaes, e *ad odium* de instituições e entidades que entre nós nunca existiram, não tem aqui razão de ser, nem póde conciliar-se com os principios em que assenta a Constituição do Estado.

2.<sup>o</sup> A desejada separação e independencia da auctoridade administrativa em relação ao poder judicial está sobejamente affiançada pela disposição do artigo 356 do mesmo Código, e pelo meio effiz do levantamento dos conflictos, que habilita a mesma auctoridade a reivindicar o conhecimento dos negocios da sua competencia quer sejam contenciosos, quer de pura administração, de que o poder judicial se pretenda apropriar.

3.<sup>o</sup> O referido privilegio, além de inconstitucional, e desnecessario, é altamente perigoso,

pondo em risco permanente os direitos mais sagrados, e animando com a esperanza da impunidade as demasias daquelles que pela sua posição official mais gravemente os podem violar.

4.<sup>o</sup> A falta absoluta de preceitos definidos que regulem a applicação da garantia, deixa entregue ao puro arbitrio do governo a solução das questões, em que mais podem soffrer as liberdades publicas.

— A doutrina contraria a estas conclusões é sustentada por mais de um escriptor de direito publico e administrativo. O sr. Couto Monteiro expõe com toda a vivacidade os argumentos dos adversarios, como quem não quer, nem tem necessidade de lhes diminuir a força, — e depois combate de frente esses mesmos argumentos, e demonstra com todo o vigor a sua improcedencia.

Tendes duvida?... Notae que o privilegio, que tanto importa como firmar a *irresponsabilidade*, está hoje escudando 150:000 empregados!

Tendes receio de que a acção administrativa fique desarmada? Assalta-vos um sentimento de compaixão pela sorte dos funcionarios? Lede este enunciado: — O funcionario digno de o ser, que cumpre religiosamente os seus deveres, que não transpõe os limites que a lei traçou á sua auctoridade procedendo invariavelmente com inteira justiça dos seus actos, nada tem que recear de malquerenças individuaes escondidas nas folhas de um processo. — (pag. 28.)

Achaes estranheza na doutrina?... Pois repaerae no que refere M. de Tocqueville (*De la Democratiè en Amérique*) a respeito do desagrado, com que os cidadãos dos Estados Unidos encaravam o systema da *previa auctorisação*, da velha Europa... Tomavam por inacreditaveis monstruosidades — que o governo, depois de ter praticado uma violencia, uma iniquidade, um crime, por intermedio dos seus agentes, gosasse da faculdade de lhe impedir o castigo; — que o cidadão opprimido fosse obrigado a implorar do oppressor licença para obter justiça. — (pag. 60.)

E já que fallámos nos Estados Unidos, sempre pedirei aos leitores que notem a semceremonia com que ali se falla de propostas de accusação, até contra o Presidente da Republica... E contudo, não receiam que se desmorone aquelle vastissimo e colossal edificio...

Acostumemo nos a viver na atmosphaera da liberdade, e percamos o medo ás suas agitações e tempestades!

— O opusculo do sr. Couto Monteiro poderá não convencer todos os leitores; mas o que tenho por impossivel, é que um só delles fique sem receber um grande abalo e sacudimento em suas cogitações.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O orgulho nunca quer dever, e o amor proprio nunca quer pagar.

LA ROCHEFOUCAULD.

Bom é pensar em si; mas odioso o não pensar mais do que em si.

SAY.